

## **Ocup@r, #compartilhar e Resistir!**

O uso do Facebook por estudantes secundaristas durante as ocupações de escolas públicas em São Paulo<sup>1</sup>

**Tháísa Côrtes<sup>2</sup>; Marianne Malini<sup>3</sup> Veronica Haacke<sup>4</sup>**

### **Resumo**

Em novembro de 2015 estudantes secundaristas de São Paulo deram início a uma sucessiva onda de ocupações de escolas públicas pelo país, que, num primeiro momento, ocorreram em represália às práticas de gestão educacional, mas que se ampliaram para lutas por direitos a uma educação de qualidade e melhores condições de ensino. Tais ocupações foram enquadradas e amplamente divulgadas em páginas do Facebook, sendo criada uma narrativa do cotidiano do movimento, onde o narrador era quem participava da história. Neste artigo será realizado um estudo sobre o ativismo do movimento secundarista no Facebook durante as ocupações de escolas públicas em São Paulo, no ano de 2015, compreendendo o conteúdo de postagens circuladas em páginas específicas de escolas ocupadas na capital paulista. Para tanto, serão utilizados métodos mistos de pesquisa, como a análise de redes de interações e de conteúdo, aplicados às postagens publicadas nas páginas das ocupações entre o período de novembro e dezembro de 2015.

### **Introdução**

---

1. Artigo apresentado ao Eixo Temático 02 – Movimentos sociais / Ciberativismo / Resistência do IX Simpósio Nacional da ABCiber.

2. Graduanda em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Pesquisadora do Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic). Email: thaisagcortes@gmail.com

3. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Pesquisadora do Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic). Email: mariannemalini@gmail.com

4. Graduanda em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Pesquisadora do Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic). Email: veronica.rhaacke@gmail.com

A partir do ano de 2015 um novo ciclo de ocupações de estabelecimentos educacionais se instaurou no Brasil, tendo como protagonistas os movimentos estudantis secundaristas. Retroalimentados por ações pretéritas de outros movimentos, com destaque ao Chileno, os estudantes secundaristas se apropriaram das ocupações como principal tática contestatória às políticas e gestões vigentes, à mercantilização da educação e às reformas educacionais por vir, colocando na agenda pública o debate sobre a qualidade de ensino público no país. Seguindo tendências dos movimentos sociais do século XXI, os secundaristas se apropriaram de plataformas digitais, sobretudo do Facebook, e construíram uma narrativa própria e interativa com seu público e grupos aliados, que contribuiu especialmente para divulgar informes das ações do movimento e do cotidiano das ocupações escolares, assim como a organização e mobilização de suas ações.

A compreensão das interações e conteúdos produzidos nas redes sociais digitais se tornam vigentes no país e é com este intuito que justificamos este artigo. Este artigo pretende compreender o ativismo dos estudantes secundaristas no Facebook, concentrando-se no momento de eclosão das ocupações no país, portanto, naquelas realizadas no estado de São Paulo, a partir novembro de 2015. Para tanto, serão analisados conteúdos textuais de postagens e interações realizadas na rede de 40 páginas de ocupações, dentre as quase 200 criadas, que ainda possuem conta ativa no Facebook. O intuito é compreender quais os enquadramentos discursivos realizados pelo movimento secundarista, suas redes de interações e estatísticas de interações com seu público durante o período das ocupações.

Este artigo comunga com os recentes interesses de estudiosos da área de Movimentos Sociais, justificando-se pela possibilidade de contribuição ao debate e abordando de maneira inédita e específica os usos da internet nas mobilizações sociais contemporâneas - no caso estudado, por jovens estudantes secundaristas, pertencentes às escolas públicas e oriundos de classes populares.

### **Movimentos Sociais, Ciberativismo e Ações de Comunicação**

Os avanços tecnológicos e a ampliação do uso da internet por parte da população têm gerado impactos sobre as relações sociais, políticas e culturais (TORET, 2015; ANTOUN; MALINI, 2013; CASTELLS, 2013; LEMOS, 2005; LÉVY, 1999), e contribuído, de maneira especial, aos movimentos sociais do século XXI, para o fortalecimento das articulações e estratégias de visibilidade, na reconfiguração de formas de organização e de ações (GOHN, 2010).

Os movimentos sociais adentraram o ciberespaço, fazendo dele um ambiente de lutas políticas. Este tipo de ativismo, caracterizado como ativismo digital ou ciberativismo, constitui-se por meio de ações em rede e com o uso intenso da internet.

O ativismo digital trata-se de uma nova forma de ação política; uma maneira de fazer política através de suportes cibernéticos, buscando a veiculação de um ideal através de uma mídia de grande alcance; é o ativismo contemporâneo praticado em rede, através da internet (STRESSER, 2010, p.2 apud DINIZ; CALEIRO, 2011, p.42).

Embora o ciberativismo tenha tido como uma das suas expressões o hackativismo, que acompanhou o desenvolvimento da internet desde a década de 70, foi na década de 1990 que o uso das nTIC's, as chamadas Novas Tecnologias de Informação e Comunicação, foi intensificado pelos movimentos sociais. Teve como marco histórico a insurreição zapatista, em Chiapas no México, no ano de 1994, uma vez que liderado pelo Exército de Libertação Nacional do México (EZLN), o movimento se opunha a assinatura do Tratado de Livre Comercio da América do Norte, e por meio da internet tornava público ao mundo, o que acontecia em Chiapas. Tal estratégia evitou expressões mais violentas no campo local, assim como tornou a questão mundialmente conhecida.

O movimento zapatista no México acabou por desencadear uma série de revoltas pelo mundo. No Brasil, o junho de 2013 representou um marco em nossa história política, difundindo uma onda de protestos em várias cidades. Teve no Movimento Passe Livre de São Paulo (MPL-SP) a sua gênese e na internet sua aliada para organização, mobilização e divulgação de fatos ocorridos. Internet e rua se entrelaçaram consolidando novos padrões comunicacionais de luta, ampliado leque de repertórios de ação coletiva e consolidando o ciberespaço como ambiente de luta de multidões.

Essas novas expressões dos movimentos sociais contemporâneos têm desafiado os estudiosos de diferentes áreas, que ressignificam abordagens teóricas hegemônicas ou se empenham na elaboração de novos métodos e categorias analíticas, capazes de compreendê-los.

Um pólo de discussão sobre a apropriação das TICs pelos movimentos sociais refere-se às modificações trazidas em suas formas de organização e ação, dentre elas: a diminuição de recursos de mobilização para a ação; ampliação de redes de interações; maior difusão de informação; heterogeneidade de atores envolvidos; e ampliação da dimensão das ações do movimento à esfera global (CASTELLS, 2013; PEREIRA, 2011; TORET, 2015; ANTOUN; MALINI, 2013; AMADEU, 2010, e outros).

Na visão de Marcos Abílio Pereira, (2011, p.120) a atuação dos movimentos sociais por meio da internet pode ocorrer exclusivamente no ambiente online ou em apoio a ações em curso e desenvolvidas fora da internet (offline), como forma de fortalecê-las.

Para Damián Profeta, Horus Estéfano Díaz, Jimena Zuluaga e Marcella Lopes (2011) - administradores de um blog que reúne experiências de diversos ciberativistas na América Latina -, o ciberativismo é orientado, sobretudo, por ações de comunicação. Os ativistas se ocupam em comunicar para informar, sensibilizar e/ou convencer os usuários da rede ou os membros do movimento. Utilizam as plataformas digitais para facilitar a organização e mobilização de suas ações, sejam elas ocorridas no âmbito online (twittaços, criação de eventos e grupos de discussão, etc.) ou offline (protestos, abaixo assinado, etc). Além disso, usam o ambiente virtual para práticas de formação ou capacitação dos usuários de forma não presencial, utilizando canais de vídeos ou outras ferramentas de criação de aulas virtuais.

Conforme com Pereira (2011), os processos de mobilizações ocorridas na internet direcionam-se às bases de apoio do movimento social, à sociedade civil e aos internautas ocasionais - estes, entendidos como indivíduos que se envolvem em ações coletivas de maneira ocasional, que possuem interesse prévio por questões políticas e que, por vezes, restringem-se às ações no ambiente virtual, bem como possui envolvimento em múltiplas causas coletivas. A mobilização das bases de apoio do movimento, da sociedade civil e internautas ocasionais permite, dentre outras coisas, que se amplie o nível de pressão sobre governos, de acordo com as demandas defendidas, assim como que circule o máximo informações sobre o movimento.

A vantagem obtida pelos movimentos sociais de aumentarem suas interações com outros atores políticos ou organizações, permite além da possibilidade de maior obtenção de aliados às lutas, o estabelecimento de conversações e compartilhamento de informações, que são retroalimentadas, viralizadas e/ou utilizadas para construção de objetivos comuns.

“A partir da interação entre as pessoas, uma retroalimentação é ocasionada, tornando possível que qualquer usuário comente uma informação transmitida na rede e a envie de volta ao emissor. Sem esse processo, os movimentos ciberativistas seriam impossibilitados, pois baseiam-se na interação de pessoas de diversas partes do mundo através da internet para a organização de mobilização, disseminação de conteúdos e troca de ideias homogêneas (DINIZ; CALEIRO, 2011, p.48).

Convergindo com o cenário das transformações trazidas pelas nTIC's, Manuel Castells (2005) cunha o conceito de sociedade em rede, sendo ela *“uma estrutura social baseada em redes operadas por tecnologias de comunicação e informação fundamentadas na microeletrônica e em redes digitais de computadores que geram, processam e distribuem informação a partir de conhecimento acumulado nos nós dessas redes”* (CASTELLS, 2005,

pag.20) e que possibilita aos sistemas de comunicação transcender fronteiras e interligar o planeta.

Outro importante conceito criado por Castells, e relevante para este estudo é o de autocomunicação de massas (CASTELLS, 2009). Para o autor, enquanto os meios de comunicação de massas tradicionais exercem, preponderantemente, a comunicação unidirecional - isto é, de um para muitos –, os novos meios de comunicação, diferentemente, apresentam uma capacidade de interação, que vem a ser de muitos para muitos.

Atualmente, uma agenda de pesquisa visando compreender as formas de ativismo digital tem crescido no Brasil e se intensificado devido às mobilizações que tomaram o país a partir de junho de 2013: Protestos Contra a Tarifa, Fora Dilma, Primavera das Mulheres, dentre outras.

Este artigo comunga com os recentes interesses de estudiosos da área de Movimentos Sociais, podendo corroborar com o debate, visto a abordagem inédita e específica aos usos da internet nas ocupações de escolas secundárias no Estado de São Paulo, mais especificamente no caso da Escola Estadual Fernão Dias Paes, buscando, assim, compreender quais as narrativas que marcaram sua página no Facebook.

### **Das ruas às escolas: entendendo o caso das ocupações de São Paulo em 2015**

No dia 26 de outubro de 2015, o então secretário de educação do governo de São Paulo, Herman Voorwald, divulgou a lista das 94 escolas que seriam fechadas que obedeceriam ao novo projeto educacional a qual implementaria no estado em 2016. Neste projeto, intitulado de “Reorganização Escolar”, o fechamento das escolas acarretaria mudanças para mais de 300 mil estudantes, pois o objetivo seria transformar as escolas de ciclos mistos em apenas ciclos únicos (ESTADÃO, online). Diante das decisões do governo, estudantes iniciaram processos de tomadas de ruas a fim de protestar contra a medida.

As manifestações, iniciadas nas cidades do centro-oeste paulista, logo tomaram a Grande São Paulo e, principalmente, a capital. Em “Escolas de Luta”, Campos, Medeiros e Ribeiro (2016, p.43) afirmam que *“houve um protagonismo intenso no interior do estado neste período, principalmente na primeira semana (quase 80% das manifestações de rua foram, neste início, em cidades interioranas)”*.

Quando a onda de manifestações chegou à capital, as estratégias estudantis de lutas passaram por transformações. As mudanças de repertório foram observadas quando junto às manifestações, eles passaram a utilizar o denominado “trancaço”. Essa tática ocorre quando há a paralisação de vias importantes da cidade por um curto espaço de tempo e é realizada por

um número menor de pessoas, quando comparada às manifestações, impactando o fluxo de pessoas na cidade, e assim chamando atenção para o movimento e suas pautas.



**Figura 1:** Manifestação realizada no dia 23 de outubro de 2015

**Fonte:** <http://www.redebrasilatual.com.br/educacao/2015/10/alunos-protestam-contra-reorganizacao-de-escolas-estaduais-de-sao-paulo-942.html> .

Com a negativa do governo em dialogar e das narrativas da mídia tradicional que iam de encontro às suas demandas, os estudantes passaram a criar páginas no Facebook e a narrar a sua própria realidade e história. É neste momento que, com o auxílio do coletivo “O Mal Educado”, responsável pela tradução do manual “Como ocupar um colégio?”, os estudantes passaram a ter contato com uma nova tática de resistência: as ocupações.

"O manual "Como ocupar um colégio?" foi traduzido e adaptado pelo coletivo O Mal Educado a partir de documentos elaborados pela seção argentina da "Frente de Estudiantes Libertarios", sobre sua experiência de luta, inspirada, por sua vez, na luta dos secundaristas chilenos." (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016, pg.55).

As ocupações foram uma das estratégias de luta utilizadas pelos chilenos durante a ‘Revolta dos Pinguins’, cujas pautas de reivindicações iam desde exame gratuito de seleção para universidade até reformas estruturais nas escolas, além do passe escolar gratuito, da melhora nas merendas e, principalmente, pelo fim das heranças educacionais do tempo da ditadura que ainda eram vigentes (REVISTA CAPITOLINA, online).

Neste caso, com o contexto apresentado e com o intuito de fazer com que o governo de Geraldo Alckmin recuasse em relação ao projeto de reorganização, os estudantes passaram a adotar a estratégia de ocupar o espaço no qual os pertenciam, a escola.

Foi no mês de novembro que deu início ao processo de ocupação das escolas estaduais, sendo a Escola Estadual de Diadema, na região do ABC Paulista, a primeira escola ocupada, na noite do dia 09 de novembro de 2015. Na manhã do dia 10, a capital paulista teve a sua primeira escola ocupada, a Escola Estadual Fernão Dias Paes, do bairro de Pinheiros, centro da cidade (G1, online).



**Figura 2:** Escola Fernão Dias Paes ocupada no dia 10 de novembro de 2015.

**Fonte:** <http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/2015-11-10/estudantes-ocupam-escola-em-protesto-contrafechamento-de-salas-em-sp.html>.

Da primeira escola, no dia 09 de novembro, até o dia que o governador Geraldo Alckmin revogou o projeto de ‘Reorganização Escolar’, tem-se total de 220 escolas ocupadas, segundo o Sindicato dos Professores. Já a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, afirmou ser 191 escolas, em sua maioria na capital (REVISTA ÉPOCA, online).

As ocupações seguiam quase sempre o mesmo ritual, os estudantes conseguiam tomar posse das chaves da escola e com os acessos em suas mãos, administravam a entrada e saída dos prédios. Para mais, eles passaram a seguir a cartilha a qual tiveram acesso, tornando a organização dentro das escolas uma realidade: organizaram assembleias; mantiveram uma comunicação interna; realizaram atividades dentro das ocupações; dividiram-se em comissões para melhor gerir o espaço, tais como alimentação, segurança, limpeza, comunicação e relações externas; e buscaram apoio da sociedade civil.

“[...] o texto explicita alguns princípios básicos a serem seguidos para a “Organização da ocupação”; não se trata de uma fórmula secreta ou perfeita, mas apenas que a sua organização garanta que as tarefas sejam cumpridas e que a democracia direta seja respeitada [...]” (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016, pg. 56).

No dia 29 de novembro é vazado o áudio de Fernando Padula Novaes, chefe de gabinete do secretário de educação, enquanto esteve em reunião com 40 dirigentes de ensino do estado de São Paulo (EL PAÍS, online). No áudio, o chefe de gabinete aponta estratégias de ação para “isolar” e “desmobilizar” as escolas que estiveram em luta, com o apoio da Polícia Militar. A partir disso, as mobilizações e os trancamentos se intensificam pela capital.



**Figura 3:** Trancamentos de Avenidas na capital paulista por secundaristas  
**Fonte:** [http://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/03/politica/1449172759\\_306162.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/03/politica/1449172759_306162.html)

O governador Alckmin, no final da manhã do dia 04 de dezembro de 2015, anunciou o adiamento da reorganização escolar por pelo menos um ano. Um pouco antes de seu pronunciamento, o secretário da Educação, Herman Voorwald, entregou ao governo uma carta com pedido de demissão (UOL, online).

Embora a decisão do governo tenha dado a ideia de uma vitória parcial à luta dos secundaristas paulistanos, muitos compreendiam que não deveria ocorrer a suspensão do projeto, mas sim, o cancelamento da reestruturação de maneira oficial, por decreto ou documento, pois asseguraria que a reorganização escolar não acontecesse.

O cenário de incertezas futuras quanto às decisões do governo levou os estudantes decidiram, em assembleia, manter as ocupações (G1, online). Eles, contudo, foram perdendo apoio, pois a população passou a acreditar que com o pronunciamento do governador não haveria mais motivos para prosseguir com as ocupações.

Ao completar um mês da primeira escola ocupada, ocorreu no dia 09 de dezembro uma grande manifestação na Praça da República. Durante o ato, foram registrados a ação de grupos Black Bloc e confronto entre policiais e estudantes. Além de protestarem contra o não cancelamento da reorganização escolar, os secundaristas passaram a ampliar a pauta de reivindicações, clamando por mais participação na gestão escolar, por melhorias na infraestrutura das escolas e a valorização dos professores.

À vista disso, observou-se que os dias que sucederam às declarações do governador até o dia 31 de dezembro, data do final da coleta, deu-se ao enfraquecimento do movimento, com o processo de desocupações das escolas.

Atenta-se que durante esse período, o uso do Facebook se transformou em espaço para narrar o cotidiano dentro e fora das escolas. A utilização das redes sociais se torna importante aos secundaristas, pois configura em uma plataforma onde o dia-a-dia de luta pôde ser contado sem a intervenção de terceiros, como a mídia ou o governo, por exemplo. Além disso,

foi mediante esse uso que a sociedade tomou conhecimento das situações pertinentes às lutas e aos rumos que o movimento passava.

A página “Escola de Luta Fernão Dias Paes”, gerenciada pelos alunos da escola estadual Fernão Dias Paes, localizada na capital paulista, foi a que concentrou o maior número de interações no Facebook. Esse fato salienta não só o protagonismo do uso das redes, mas também indica a notoriedade na qual as ocupações realizadas na cidade de São Paulo vão tendo ao longo do movimento.

E foram as interações, em especial da página “Escola de Luta Fernão Dias Paes”, que despertaram o interesse pela pesquisa, cujas metodologias de estudos, assim como os resultados obtidos serão apresentados.

### **Metodologia aplicada nas análises de páginas de ocupações de São Paulo**

As redes sociais digitais têm aberto um leque de possibilidades de pesquisas em diferentes áreas. Análises de comportamentos de grupos sociais, motivados por diferentes interesses (político, mercadológico, vigilância, etc) têm sido cada vez mais frequentes, tendo como prerrogativa os rastros digitais (BRUNO, 2012) dos usuários das redes.

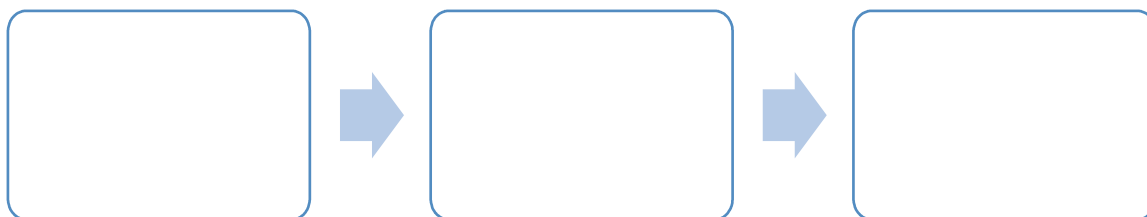
Os estudos de práticas de ciberativismo - que despontam no país a partir dos protestos de junho de 2013 – têm se intensificado entre os estudiosos brasileiros, estimulando inúmeros trabalhos acadêmicos cujas bases de dados são retiradas de plataformas digitais. Inserido neste processo encontra-se o Laboratório de Estudos sobre Internet e Cibercultura (LABIC), que tem contribuído não apenas com análises de redes sociais, mas também na criação de métodos de coleta e análises de dados. Neste estudo, todas as coletas e sistematização de dados foram realizadas com apoio de scripts próprios do Labic, combinado com outros recursos existentes de forma gratuito na internet.

A pesquisa que embasa este estudo nasceu por motivações pessoais (tendo em vista que parte das autoras tiveram participação direta nos processos de ocupações das escolas no Espírito Santo), somadas às práticas contínuas do Labic de acompanhamento de mobilizações políticas ocorridas no Brasil, possuindo importantes bancos históricos. Nesse sentido, que nasceu a ideia de compreender o primeiro momento das ocupações de escolas secundaristas no Brasil, justificando a escolha como objeto as páginas de São Paulo.

Devido a atuação das autoras na área de análise de conteúdos produzidos nas redes sociais digitais, ambas fazendo parte da equipe que denominamos no Labic de “Modelagem de Dados”, optou-se primordialmente em apresentar a análise do conteúdo das postagens produzidas no interior de página de ocupação, a qual foi escolhida “Escola de Luta Fernão

Dias Paes” que, conforme verificado a seguir, foi a que recebeu o maior volume de interações (curtidas, comentários e compartilhamentos) de “curtidore”, dentre as páginas de ocupação criadas no Facebook.

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram realizadas três importantes etapas de pesquisa: mapeamento de páginas de ocupações; coleta e sistematização de dados das páginas; visualizações e análises de dados.



**Figura 4:** Etapas de Pesquisa.

#### *Mapeamento das Páginas de Escolas Ocupadas*

A primeira etapa de pesquisa correspondeu no mapeamento das páginas de escolas ocupadas em São Paulo, ao longo do ciclo de ocupações em 2015. Apesar das divergências sobre a quantidade de escolas ocupadas, trabalhamos com uma lista principal, fornecida pelo CMI -Centro de Mídia Independente<sup>5</sup>, durante os acontecimentos. Além de dados da escola, como nome, localização e data de início da ocupação, também estavam presentes os endereços das páginas no Facebook. Todos foram confirmados um por um de sua existência, resultando em um novo banco, com as páginas que não haviam sido deletadas por seus administradores. Das 216 escolas ocupadas e listadas no banco utilizado, 86 (39.82 % do total) eram escolas da capital paulista e 130 (60,18%) eram das demais regiões. No total de 216 escolas, 50 possuíam páginas no Facebook (23,1% do total). Porém, das 50 páginas, apenas 40 permaneciam ativas no Facebook, sendo 24 (60%) pertencentes a escolas da capital paulista e 16 (40%) a escolas de demais regiões do estado de São Paulo.

#### *Coleta e Sistematização de Dados*

---

<sup>5</sup> O coletivo de Mídia Independente elaborou uma planilha com todas as escolas ocupadas em São Paulo no ano de 2015. Disponível em [<http://brasileiros.com.br/2015/11/movimento-cresce-e-ja-sao-mais-de-60-escolas-ocupadas-em-sao-paulo/>]

As coletas e sistematizações de dados foram realizadas utilizando o script próprio do Labic, denominado *Ford* e o *Netvizz*<sup>6</sup>, aplicativo fornecido pelo Facebook. Os dados foram coletados pelo *Netvizz*, porém sistematizados pelo *Ford*, que amplia (por meio de processos automatizados) as possibilidades de variáveis entorno das postagens e comentários do banco de dados extraído do *Netvizz* sobre as páginas pesquisadas. Desta maneira, foram coletados dados de 40 páginas ativas entre 01 de outubro a 31 de dezembro de 2015. A escolha pela data levou em consideração o mês de outubro, quando as primeiras manifestações contra a reorganização do ensino ocorreram até o dezembro, quando Alckmin pronunciou seu cancelamento. Vale ressaltar que os posts coletados foram de autoria do administrador e dos curtidores que postaram na página da ocupação durante o período.

### *Visualização e Análises de Dados*

Sobre os posts e comentários coletados das páginas das ocupações de São Paulo foi realizada três de análises. A primeira delas, que não ocupa uma posição central neste estudo, refere-se a análise dos fluxos de interações de curtidores com as páginas e também entre páginas, tendo com resultado análises estatísticas e, a segunda análise, a de redes. Em ambas, foram utilizadas visualizações por meio de gráficos e tabelas, bem como de grafos.

A terceira delas corresponde a análise de conteúdo de postagens da página que mais recebeu interações de usuários do Facebook durante o ciclo de ocupações. Foi selecionada, num primeiro momento a página, tendo como critério o volume de interações realizadas com a página. Posteriormente, cada postagem de autoria do administrador da página foi analisada em seu conteúdo, e em seguida, contabilizadas estatisticamente.

### **Fluxo de Interações e a escolha do caso a ser estudado**

Durante o período analisado cerca de 4.560 postagens foram publicadas entre as quarenta páginas pesquisadas, que receberam um total de 201.149 interações, realizadas por meio de comentários (3,2%), curtidas (72,4%) e compartilhamentos (24,4%).

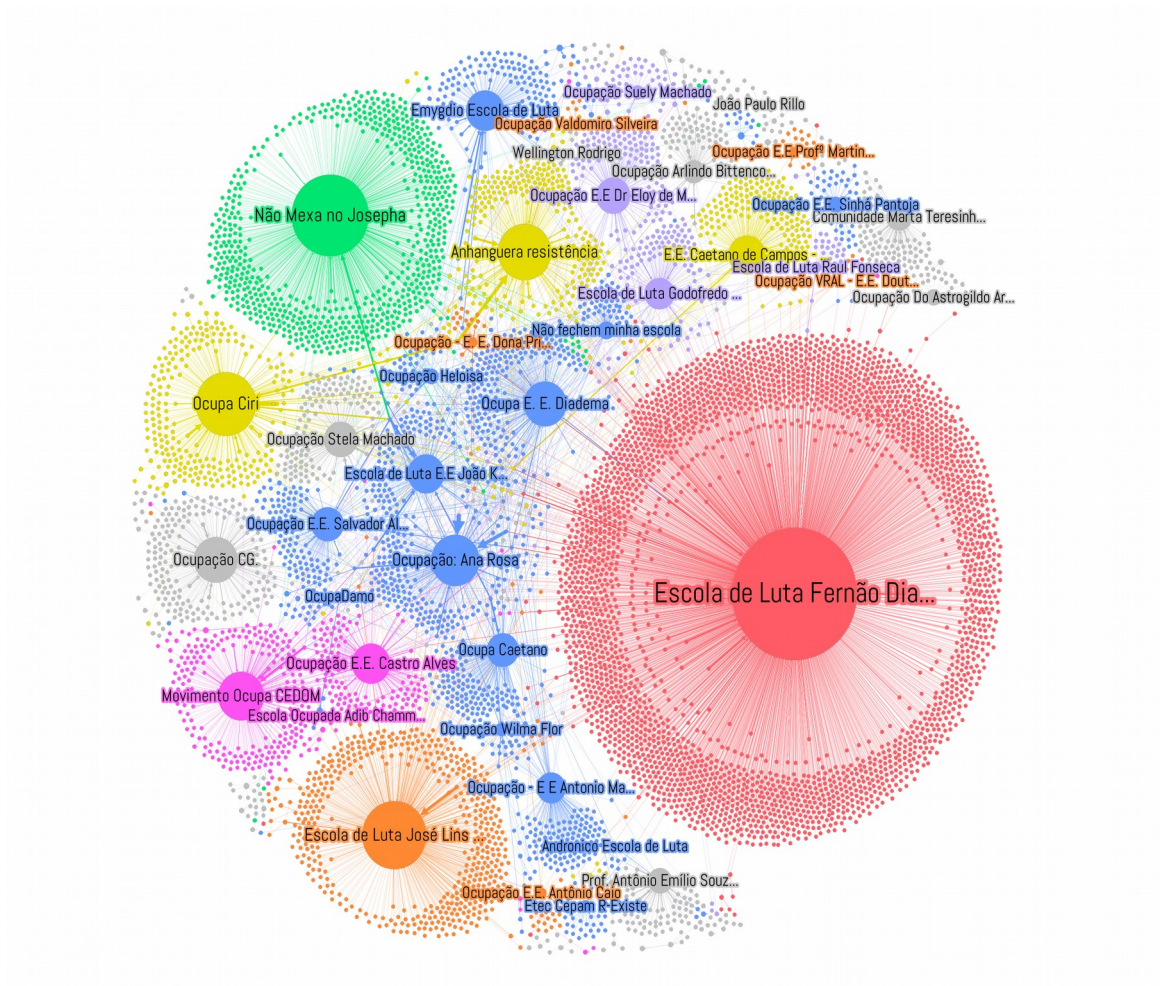
Oportunizando os comentários coletados de cada página investigada, elaborou-se um grafo (vide Figura 5), cujo volume e afiliações entre as páginas das ocupações via comentários são demonstradas. As posições indicam a centralidade das páginas, e as cores

---

<sup>6</sup> O FORD é um script criado pelos membros do Laboratório de Estudos sobre Imagens e Cibercultura (LABIC) que auxilia no processo de coleta de dados a serem realizados no Facebook. (MEDEIROS, 2016). Já o NETVIZZ é um aplicativo fornecido pelo próprio Facebook que também auxilia na extração de dados de páginas, grupos e outras funções dentro da própria rede social. (BORTOLON; MALINI; MALINI, 2015)

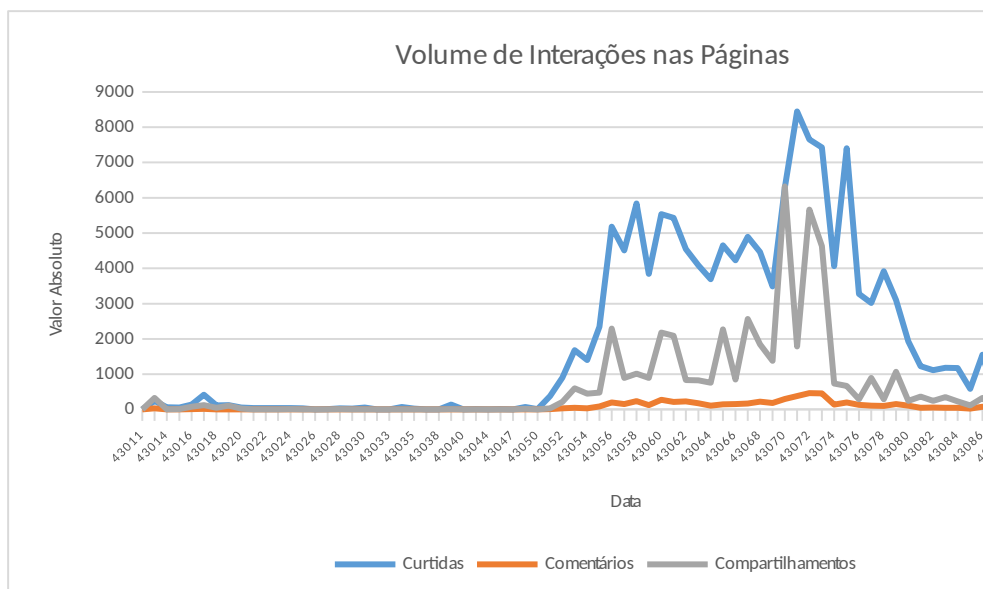
demonstram os grupos formados via comentários. Os nós maiores e centrais na rede, foram os que receberam um maior volume de comentários, sendo representado de cor única, isso porque é um importante influenciador na rede, recebendo muito mais interações, do que realizando.

Pode-se perceber a centralidade de três principais páginas das ocupações: Escola de Luta Fernão Dias (12.400 curtidores), Não Mexa no Josefa (6.410 curtidores) e Escola de Luta José Lins do Rego (2.558 curtidores), sendo duas localizadas na capital e outra em Jundiaí, interior do estado de São Paulo.



**Figura 5:** Rede de interações mediante comentários nas páginas pesquisadas.  
**Fonte:** Facebook.

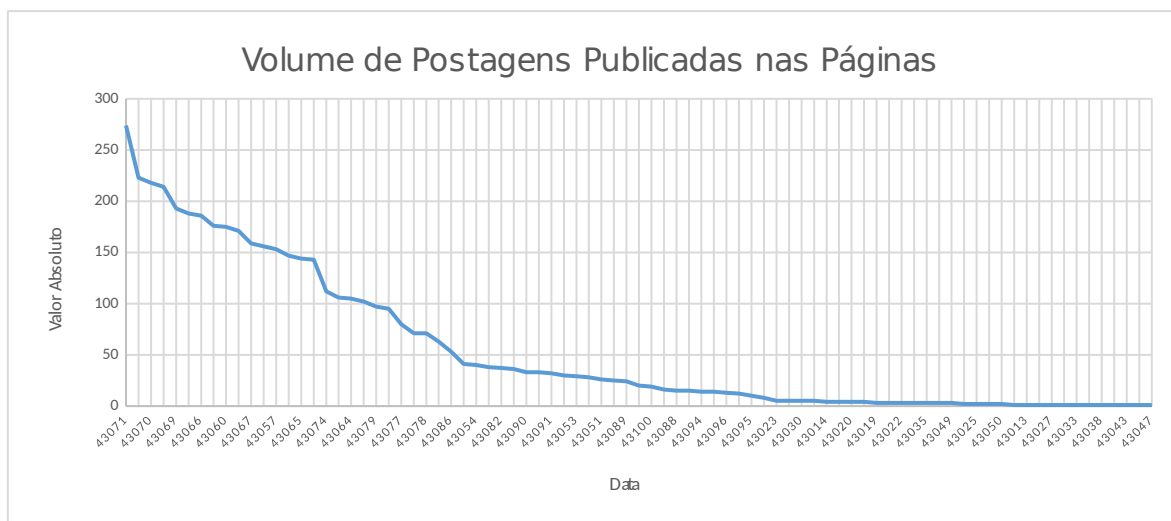
Por ser a página com maior número de interações e repercussão na rede, a Escola de Luta Fernão Dias Paes serviu de apoio para processos mobilizatórios para ações de outras ocupações. A página compartilhou informações sobre as outras ocupações, assim como as outras ocupações viram nos comentários e publicações da Fernão Dias uma maneira de também ganhar visibilidade na rede.



**Gráfico 1:** Volume de interações nas páginas  
**Fonte:** Facebook.

As interações recebidas pelas páginas de ocupações se assemelharam temporalmente aos picos de postagens das páginas, sendo os dias mais expressivos entre 19 e 30 de novembro e no dia 2 de dezembro. Quanto maior o pico de publicações em um dia, maior também é a quantidade de interações naquelas postagens. Os dias de maior pico se relacionam aos períodos mais importantes da ocupação. Um exemplo é o pico de 19 de novembro, período em que houve o maior número de páginas de ocupações criadas. Foi o momento em que todas as páginas que foram usadas para análise estavam ativas.

Já a data de 30 de novembro é a antecipação e mobilização das ações nas ruas - os trançaços. Nesse momento as páginas realizaram suas publicações relacionadas à organização das ações nas ruas, assim como o pedido para que mais pessoas se mobilizassem e fizessem parte do movimento na capital paulista. O dia 2 de dezembro é o momento em que os trançaços de fato ocorrem e fazem das vias paulistas um local de protesto e ações para reivindicar as atitudes do governo que levou às ocupações. Nesse momento, as publicações têm como foco registrar o que aconteceu nas ruas, assim como levantar a discussão sobre a repressão sofrida pela polícia durante os atos.



**Gráfico 2:** Volume de postagens publicadas nas páginas  
**Fonte:** Facebook.

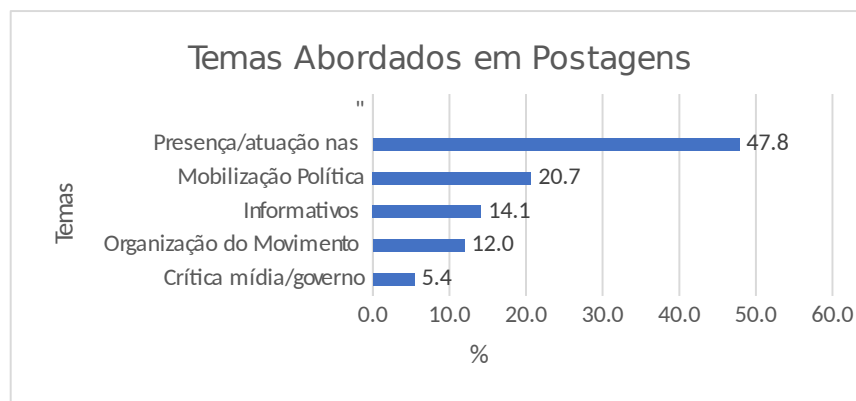
Vale ressaltar que nem sempre a página que realiza maior volume de postagens na rede, recebe interações proporcionais a seus esforços de volta. Isto está relacionado ao funcionamento dos algoritmos que permitem visibilidade na rede, mas também pode ter sua explicação associada ao volume de seguidores da página e as preferências pessoais de seus seguidores por temas determinados. Nem todos, pode motivá-los a uma interação.

A página Escola de Luta Fernão Dias Paes, por ser a que obteve o maior número de interações (curtidas em publicações, compartilhamentos e comentários), e maior repercussão na rede, as suas publicações foram usadas para análise qualitativa. Dessa maneira, pode-se perceber como ocorreu a construção da sua narrativa e compartilhamento das informações, além de entender a sua interação com as demais escolas na rede.

### **As ocupações no Facebook: o estudo de caso da Página da Escola de Luta Fernão Dias**

Um dos impactos do uso das redes sociais digitais pelos movimentos sociais é a possibilidade de ampliação da construção e difusão de autonarrativas - ricas em relatos de experiências em ações políticas - bem como são ambientes potenciais de acúmulo de dados históricos, devido ao amplo armazenamento de imagens, vídeos, links, etc.

Os resultados da análise do conteúdo das postagens da página da Escola de Luta Fernão Dias Paes mostram a intensidade de posts que narravam sobre a “presença/atuação” dos secundaristas nas ruas – seja as escolas ou nos protestos em rua. Ao total, correspondeu 47,8% das postagens realizadas pelo administrador da página.



**Gráfico 3:** Volume de postagens em relação ao tema abordado  
**Fonte:** Facebook

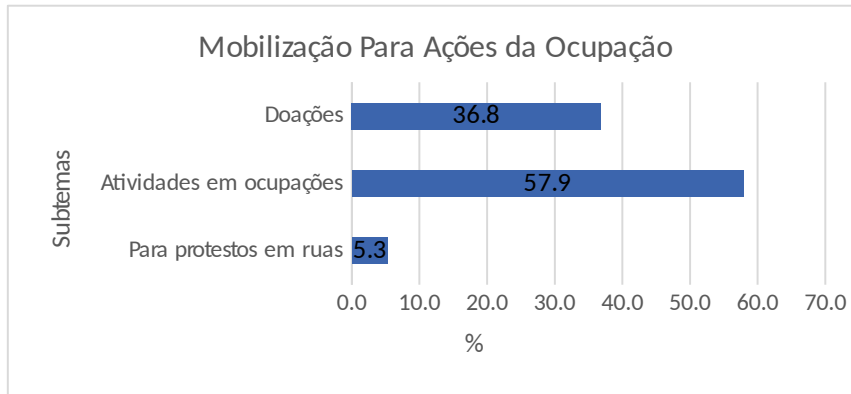
Durante o período analisado, a página teve-se e divulgar principalmente informações sobre atividades e acontecimentos que ocorriam no ambiente interno da escola, tais como as oficinas realizadas, organização das comissões para tarefas de limpeza, preparo das comidas e também as deliberações resultantes das assembleias entre os estudantes ocupantes.



**Gráfico 4:** Postagens referentes à temática presença/atução nas ruas  
**Fonte:** Facebook

Além disso, as postagens narravam as ações dos secundaristas em protestos em ruas da São Paulo, como os famosos trançaços, organizados no período. Somado a isto, postagens sobre a atuação policial de forma repressiva aos atos de rua e às ocupações também se fizeram presente, juntamente com mensagens de apoio recebidas e emitidas a outras ocupações.

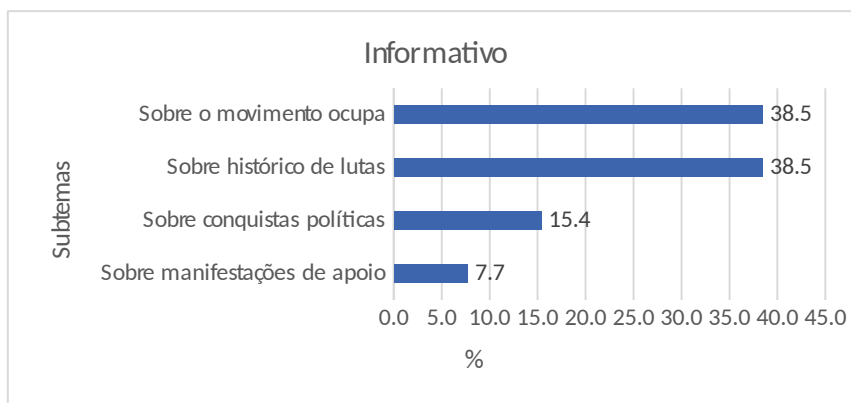
## Mobilização e solidariedade em rede



**Gráfico 5:** Postagens referentes à temática mobilização para ações da ocupação  
**Fonte:** Facebook

A página compartilhou de forma intensa publicações em que se destinavam a mobilizar os usuários. É interessante observar que por mais que a página criada seja para falar do movimento e do que acontecia dentro da escola, ela também publicou de forma intensa sobre outras ocupações, incluindo pedidos de ajuda para elas. Isso é importante de ser observado ainda pela importância e influência que a página exerceu na rede. As publicações inseridas nesse contexto desde a agenda das demais ocupações e atividades abertas que eram realizadas, assim como pedidos de mobilização, apoio e entrega de doações (de alimentos, produtos de limpeza e até doações de aulas e palestras).

## Conteúdos Informativos

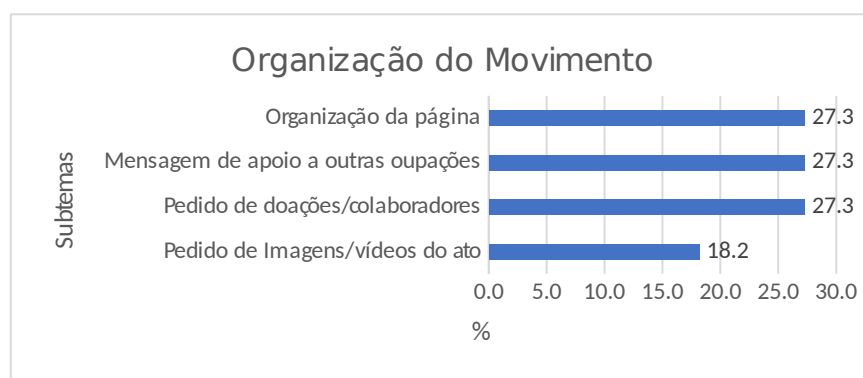


**Gráfico 6:** Postagens referentes à temática informativa  
**Fonte:** Facebook

Quando abordados os conteúdos informativos, as publicações falam tanto sobre informações do movimento como um todo, explicando as causas, propostas e ações; o

histórico do movimento e também as conquistas que foram obtidas com as ocupações – como é o caso da publicação realizada em 13 de dezembro: “A VITÓRIA É DOS ESTUDANTES SECUNDARISTAS! É MUITA LUTA! <http://m.jovempan.uol.com.br/noticias/brasil/sao-paulo/governador-geraldo-alcmin-suspende-reorganizacao-escolar.html>” (link que dá acesso a uma matéria da Jovem Pan que fala sobre a decisão de Geraldo Alckmin suspender a reorganização escolar que foi estopim para o início das ocupações).

### *Formas de organização do movimento*

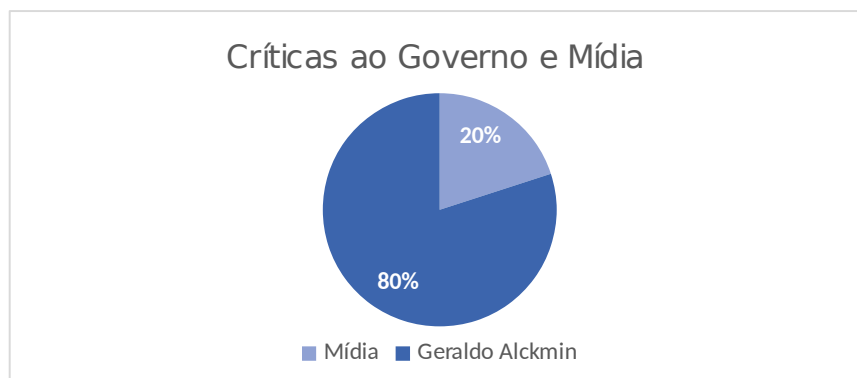


**Gráfico 7:** Postagens referentes à temática organização do movimento

**Fonte:** Facebook

Nas publicações presentes na página, há também aquelas que direcionam tanto a organização da página - com as indicações de publicações e de modos de compartilhamento de informações (indicando como os usuários poderiam entrar em contato e compartilhar as informações, fotos e vídeos que possuíam) – como também mostrando seu apoio às demais ocupações, compartilhando informações sobre elas e mobilizando os usuários para que as apoiassem também, seja com doações ou compartilhamento de informações.

### *Reflexão crítica*



**Gráfico 8:** Postagens referentes à temática críticas ao governo e mídia

**Fonte:** Facebook

Além de produzirem informações e conteúdos sobre a ocupação, a página também realizou publicações com reflexões críticas, tanto para a postura da mídia e como ela se veiculava as notícias sobre as ocupações, quanto ao posicionamento político do governador, marcando a falta de diálogo de Geraldo Alckmin com o movimento e as medidas tomadas por ele como forma de repressão das ocupações.

### **Considerações Finais**

O primeiro olhar sobre as interações e os conteúdos de postagens de páginas das escolas ocupadas em São Paulo, no ano de 2015, revelou algumas questões importantes, associadas aos usos, interações e intencionalidades de postagens no Facebook pelos secundaristas, que forneceram subsídios para apontar desafios e potencialidades que a plataforma possui para os que pretendem utilizá-las para estudos.

Uma dificuldade de acesso ao número real de escolas ocupadas é vigente, e se mostra como um desafio a ser enfrentado por pesquisadores. A ausência de um banco oficial publicado pelo movimento, fez recorrer ao divulgado pelo Centro de Mídia Independente (CMI), importante veículo de cobertura de mobilizações sociais no Brasil que, embora destoasse das informações sobre escolas ocupadas publicadas pela Secretaria de Educação de São Paulo (191 escolas) e dos Sindicatos de Trabalhadores (220 escolas), foi o banco mais completo encontrado.

Talvez essa dificuldade de registro do movimento esteja associada ao efeito “contágio” que essas ocupações possuíram em sua essência, sendo comum grande número de escolas ocupadas ao mesmo tempo, o que exigia uma organização mínima para difusão de informações sobre os fatos ocorridos em múltiplas ocupações. Essa função acabou sendo tomada por páginas de movimentos/partidos apoiadores, como o “Mal Educado” e “Não Fechem Minha Escola” - este pertencente originalmente a membros do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) -, que catalisaram grande atenção na rede e merecem um estudo específico sobre as ocupações de São Paulo.

Outra dificuldade vivenciada neste estudo se deu ao fato de que algumas escolas optaram pelo uso de “perfis de ocupações” e não de “páginas de ocupações”, o que inviabilizou coletas, tendo em vista que toda informação publicada por um perfil é mantida em privacidade pelo Facebook. E caso tenha sido publicado em modo “público”, somente poderia ser coletada de forma manual.

Somado a isto, os estudiosos das ocupações que desejam usar os dados do Facebook devem lidar com o fato de que muitas páginas foram excluídas por seus administradores,

sendo portanto, inviabilizadas coletas de dados ou proporcionam fragilidades no processo de mapeamento de páginas que na ocasião possuíam páginas. É necessário que o mapeamento e coleta sejam os primeiros passos dos estudos.

Embora as ocupações tenham emergido no ABC Paulista, em Diadema, foi na capital que ela possuiu maior adesão, sendo a página Escola de Luta Fernão Dias Paes, a que recebeu maior volume de interações na rede, sendo 7.682 compartilhamentos, 15.494 curtidas, e 725 comentários. Um dado que surpreende é a intensidade de interação feita via formas menos engajadas como “curtidas”, que correspondeu a 72,4% do valor total de interações na rede. Uma explicação para esse alto valor em relação à escola Fernão Dias Paes é devido as suas publicações não se restringirem apenas às narrativas individuais da ocupação. Além de publicar sobre a organização e atuação dentro da escola, ela também compartilhou informações e mobilizou usuários para as demais páginas de ocupações. Conectou-se com as outras escolas, criando um vínculo de apoio, ajuda e compartilhamento de informações.

Outro fato percebido foi que nem sempre o esforço de publicação intensa de uma página é retribuído em forma de interações pelo seu público. Engajar-se via comentários, curtidas e compartilhamentos pode estar associado muito mais a motivações pessoais do que visibilidade. Mas, isso merece atenção e cuidado especial, tendo em vista que o Facebook possui algoritmos que distribuem atenção na rede, que inclusive pode ser feita por meio de publicidade de postagens.

E foi ao longo do processo de luta pela suspensão da Reorganização Escolar que os estudantes perceberam a importância da utilização das redes sociais, não somente para dar notoriedade às suas demandas, mas também para colocar em questionamento as narrativas diárias feitas pela mídia e pelo governo, em prol de sua desmobilização. Além disso, foi por meio do uso das redes sociais os secundaristas puderam ter o apoio da sociedade civil, pois a comunicação e o cotidiano mostrado por eles em suas páginas, trouxeram simpatia ao movimento.

Assim sendo e conforme visto nos resultados da pesquisa, a plataforma foi uma ferramenta importante na difusão de informações e mobilização de fatos ocorridos no interior e nas ruas e que não pode ser ignorado por aqueles que pretendem compreender o que foram o movimento de ocupações das escolas paulistas, no ano de 2015.

**Palavras-chave:** ciberativismo; movimentos sociais; facebook.

**Referências bibliográficas**

AMADEU, Sérgio. **Ciberativismo, cultura hacker e o individualismo colaborativo**. Revista USP, v. v.1, p. 28-39, 2010

BORTOLON, Bianca; MALINI, Marianne; MALINI, Fábio. Gênero e Ativismo Online: um estudo de caso da campanha Não Mereço Ser Estuprada no Facebook. **Intercom**. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-3524-1.pdf>>. Acesso em: 14 Fevereiro 2017.

BRUNO, Fernanda. **Rastros Digitais sob a perspectiva da teoria ator-rede**. Revista FAMECOS: Mídia, Cultura e Tecnologia. Porto Alegre, v.19, n.3, pp. 681-704, dezembro, 2012

CAMPOS, Antonia M.; MEDEIROS, Jonas; RIBEIRO, Márcio M. **Escolas de Luta**. Veneta, 2016.

CALEIRO, Maurício; DINIZ, Iara Gabriela. Web 2.0 e o ciberativismo: o poder das das redes na difusão de movimentos sociais. **Revista Científica do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão - UFMA - ISSN 2176 - 5111 São Luís - MA, Janeiro/Junho de 2011 - Ano XIX - N 8**. Disponível em: <[http://www.cambiassu.ufma.br/cambi\\_2011\\_1/iara.pdf](http://www.cambiassu.ufma.br/cambi_2011_1/iara.pdf)>. Acesso em: 20 Outubro 2016.

CARNEIRO, Bárbara. A Revolta dos Pinguins. **Revista Capitolina**, 22 dez 2015. Disponível em: <<http://www.revistacapitolina.com.br/a-revolta-dos-pinguins/>>. Acesso em: 20 jan 2017.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. vol.1 Trad. Roneide Venancio Majer com a colaboração de Klauss Brandini Gerhardt. 8 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

\_\_\_\_\_. **“Comunicación y poder”**. Madrid: Alianza, 2009

\_\_\_\_\_. **Redes de Indignação e Esperança: Movimentos Sociais na Era da Internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 1º ed., 2013.

DANTAS, Carolina. Estudantes ocupam escola em São Paulo contra fechamento de unidades. **G1**, São Paulo, 10 nov 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/11/alunos-ocupam-escola-em-sao-paulo-contrafechamento-de-unidades.html>>. Acesso em: 20 jan 2017.

DOMINGOS, Roney. Em assembleia, alunos decidem seguir em escolas ocupadas em SP. **G1**, São Paulo, 02 dez 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/escolas-ocupadas/noticia/2015/12/em-assembleia-alunos-decidem-seguir-em-escolas-ocupadas-em-sp.html>>. Acesso em: 20 jan 2017.

GOHN, Maria da Glória M. **Movimentos sociais e redes de mobilização civis no Brasil contemporâneo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

Governo Alckmin suspende reorganização da rede estadual de SP. **UOL**, São Paulo, 02 dez 2015. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/noticias/2015/12/04/governo-alckmin-suspende-reorganizacao-da-rede-estadual-de-sp.htm>>. Acesso em: 20 jan 2017.

LEMOS, A. **CIBER-CULTURA-REMIX**. In Seminário “Sentidos e Processos” dentro da mostra “Cinético Digital”. São Paulo, Itaú Cultural, ago. 2005. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/remix.pdf>. Acesso em: 31 maio. 2016.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999;

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **@internet e #rua: ciberativismo e mobilizações nas redes sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

MEDEIROS, Jean Maicon R. Um outro Junho: o movimento #NaoVaiTerCopa, o diálogo no Twitter e as controvérsias sobre a Copa do Mundo de 2014. **Dissertação**. Ufes. Vitória, 2016. Disponível em: [http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese\\_9949\\_Disserta%E7%E3o%20de%20Mestrado%20-%20Jean%20Medeiros%20%28Vers%E3o%20Final%20com%20ficha%20catalogr%E1fica%20e%20assinaturas%29.pdf](http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_9949_Disserta%E7%E3o%20de%20Mestrado%20-%20Jean%20Medeiros%20%28Vers%E3o%20Final%20com%20ficha%20catalogr%E1fica%20e%20assinaturas%29.pdf). Acesso em: 14 Fevereiro 2017.

OSHIMA, Flávia Y. ;GORCZESKI, Vinicius. Os estudantes que derrubaram a reestruturação das escolas de São Paulo. **Revista Época**, São Paulo, 02 dez 2015. Disponível em: <http://epoca.globo.com/tempo/noticia/2015/12/os-estudantes-que-derrubaram-reestruturacao-das-escolas-de-sao-paulo.html>. Acesso em: 20 jan 2017.

PEREIRA, Marcus Abílio. **Internet e mobilização política – os movimentos sociais na era digital**. Teoria & Sociedade, n. 18, 2, jul-dez., 2010, p. 10-33. Disponível em: <http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2011/03/Marcus-Abilio.pdf>. Acesso em: 20 Outubro 2016.

PROFETA, Damián, Horus Estéfano Díaz, Jimena Zuluaga e Marcella Lopes. **NUEVA SOCIEDAD en la web 2.0. Selección de entradas del blog NuSo**. Blog Nuso, 2011 <http://nuso.org/articulo/nueva-sociedad-en-la-web-20-seleccion-de-entradas-del-blog-nuso>. Acesso em: 20 Outubro 2016.

ROSSI, Marina. Governo Alckmin se prepara para “guerra” e alunos vão para as ruas. **El País**, São Paulo, 01 dez 2015. Disponível em: [http://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/30/politica/1448902421\\_861769.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/30/politica/1448902421_861769.html). Acesso em: 20 jan 2017.

STRESSER, Ronald. Ciberativismo: **A política 2.0**. In CALEIRO, Maurício; DINIZ, Iara Gabriela. Web 2.0 e o ciberativismo: o poder das das redes na difusão de movimentos sociais. **Revista Científica do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão - UFMA - ISSN 2176 - 5111 São Luís - MA, Janeiro/Junho de 2011 - Ano XIX - N 8**.

TOLEDO, Luiz Fernando. Governo de São Paulo anuncia o fechamento de 94 escolas. **Estadão**, São Paulo, 26 out. 2015. Disponível em: <http://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,governo-de-sao-paulo-anuncia-o-fechamento-de-94-escolas,1786193>. Acesso em: 20 jan 2017.

TORET, Javier. **Tecnopolítica Y 15M: La Potencia de las multitudes conectadas**. Barcelona: UOC Ediciones, 2015.